

## O Colégio de São José: a educação feminina católica no nordeste oitocentista

**Genilson de Azevedo Farias<sup>i</sup>** 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

**Olívia Morais de Medeiros Neta<sup>ii</sup>** 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil

1

### Resumo

A partir de meados do século XIX o Brasil começou a receber nas suas principais cidades muitas escolas europeias. Uma grande parte delas era destinada ao ensino de meninas abastadas. Entre estas escolas, destacamos o Colégio de São José que tinha origem italiana sendo vinculado à ordem das irmãs doroteias que chegou a cidade do Recife, em 1886, se instalando no bairro da Soledade. Foi no âmbito desta instituição que a escritora potiguar Magdalena Antunes (1880-1959) estudou nos seus anos de juventude, entre os anos de 1891 a 1896. Em seus anos de maturidade ela escreveu uma obra de cunho memorialístico e autobiográfico intitulada “**Oiteiro**: memórias de uma Sinhá-moça” (2003) onde, entre outros detalhes de sua vida de menina filha de senhores de engenho, Magdalena trouxe para as páginas de seu livro registros do momento em que ficou internada como aluna no referido colégio. O Colégio de São José evidenciava um padrão de educação feminina idealizado pela sociedade patriarcal de então, todavia, por outra via, ele possibilitava às meninas e moças abastadas o acesso ao aprendizado formal numa época em que o analfabetismo no Brasil era bastante forte, sobretudo entre as mulheres. Dessa forma, a partir de uma perspectiva metodológica interdisciplinar de análise bibliográfica e documental o nosso trabalho tem por objetivo trazer alguns aspectos da história desta instituição de ensino tomando por fonte o livro de memórias acima citado em diálogo com outras fontes igualmente importantes tais como: os livros de matrícula (1866-1919) e os Estatutos do Colégio.

**Palavras-chave:** Colégio de São José, Educação feminina religiosa, Século XIX.

### The College of São José: catholic femaly education in the nighthth century northeast

### Abstract

From the mid-nineteenth century, Brazil began to receive many European schools in its mais cities. A large part of them was devoted to teaching wealthy girls. Among these schools, we highlight the College of São José, which had italian origins and was linked to the order of Doroteias sisters that arrives in Recife in 1886, settling in the Soledade neighborhood. It was within this institution that the whiter Magdalena Antunes (1880-1959) studied in her younger years, from 1891 to 1896. In her mature years, she whote a memoir and

autobiographical work entitled “Oiteiro: memories of a Missy-girl” (2003) where, among other details of her life as a girl, the daughter of planters, Magdalena brought to the pages of her book records of the moment she was admitted as a student at the aforementioned school. The College of São José evidenced a pattern of female education idealized by the patriarchal society of the time, however, in another way, it allowed wealthy girls and women access to formal learning at a time when illiteracy in Brazil was quite strong, especially among the women. In this way, from an interdisciplinary methodological perspective of bibliographic and documental analysis, our work aims to bring some aspects of the history of this educational institution taking as source the aforementioned memoir in dialogue with other equally important sources such as: the enrollment books (1866-1919) and the Statutes of the College.

**Keywords:** College of São José, Religious female education, XIX century.

## 1 Introdução

No ano de 2019 tivemos a oportunidade de defender uma tese de doutorado sobre a escritora norte-riograndense de Ceará-Mirim Magdalena Antunes (1880-1959) intitulada: **Com açúcar, com afeto**: representações femininas na escrita memorialística autobiográfica de Magdalena Antunes (1880-1959) (FARIAS, 2019)<sup>1</sup>. Em meio ao processo de feitura deste trabalho tivemos acesso a um rico manancial de fontes sobre a sua vida e obra entre os quais podemos citar o livro **Oiteiro**: memórias de uma sinhá-moça, de sua autoria, publicado pela primeira vez em 1958. De forma geral a referida obra é marcada por um viés memorialístico e autobiográfico onde a escritora retratou suas vivências de menina filha de senhores de engenho de Ceará-Mirim/RN no final do século XIX.

Em meio aos relatos que faz da sua vida, Magdalena incluiu muitos detalhes da cultura escolar da época, sobretudo quando menciona as suas experiências no âmbito do Colégio de São José em Recife onde estudou nos seus anos de juventude entre os anos de 1891 a 1896. É importante destacar que no contexto do século XIX, houve uma progressiva incidência de escolas religiosas europeias para o Brasil o que se deu por causa da necessidade do bispado aproximar o povo brasileiro da Santa Sé com a

<sup>1</sup> A referida pesquisa foi desenvolvida e defendida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN e orientada pela professora Ana Laudelina Ferreira Gomes.



inserção do catolicismo tridentino ultramontano em detrimento do catolicismo que estava sendo praticado no país que era fortemente marcado pelas confrarias e por práticas populares. Seriam justamente as alunas formadas no colégio de doutrinação católica que num futuro próximo transmitiriam aos seus filhos e filhas os ensinamentos outrora aprendidos e o Colégio de São José que foi também um referencial desse padrão de educação.

Nesse sentido, a partir de uma perspectiva metodológica interdisciplinar de análise bibliográfica e documental, o presente trabalho tem por principal objetivo trazer aspectos da história desta instituição de ensino. Tomamos enquanto fontes as memórias escritas por Magdalena Antunes (ANTUNES, 2003) em diálogo com outras fontes igualmente relevantes que tivemos acesso no âmbito da instituição de ensino em Recife tais como: as cartas da fundadora da Congregação, a Irmã italiana Paula Frassinetti (1809-1882) (FRASSINETTI, 1987a; FRASSINETTI, 1987b), os livros de matrícula (1866-1919), os Estatutos do Colégio, jornais etc<sup>2</sup>.

## 2 O Colégio de São José: a Congregação das Irmãs de Santa Doroteia em Recife

Ao longo do século XIX, os bispos das principais dioceses brasileiras, e em especial destacamos os bispos das dioceses de Mariana e São Paulo, se imbuíram da tarefa de implementar uma reforma dentro da Igreja Católica com fins de substituir o tradicional catolicismo luso-brasileiro pelo catolicismo romanizado (AZZI, 2000). O bispado brasileiro se empenhou em introduzir no país o modelo religioso eclesial tridentino e ultramontano que estava sendo adotado na Europa ao longo do pontificado do papa de então, a saber: Pio IX.

Com a inserção do novo modelo de fé, as lideranças católicas brasileiras intencionavam também acabar com o poder de atuação do laicato, representado

<sup>2</sup> A documentação referente ao Colégio de São José utilizado na nossa tese e neste artigo nos foi concedida pelas irmãs Mércia Alves dos Santos e Gilma Souza Sales, diretoras da instituição, que nos recebeu gentilmente em julho de 2017 colaborando sobremaneira com o progresso da nossa pesquisa.





sobretudo pelas irmandades religiosas, que vinham desde o período colonial aglutinando fiéis no Brasil, sobretudo os grupos ligados à maçonaria que já havia ganhado bastante força. Com a implantação do modelo tridentino ultramontano, a intenção do bispado brasileiro era fazer com que o povo se tornasse mais ligado à Santa Sé, devotos ao papa e conseqüentemente mais obedientes às suas orientações.

4

As primeiras freiras da Congregação Doroteia vieram para o Brasil com o propósito de colaborar com o fortalecimento desse projeto que, em grande medida, também era interessante ao papa Pio IX. Após contatos estreitados entre o bispo eleito de Pernambuco, D. Manuel do Rêgo de Medeiros, que então residia em Roma, e a Reverenda Madre Geral, Paula Frassinetti (1809-1882), foi deliberado que uma casa do Instituto de Santa Doroteia seria aberta no Brasil. O instituto de Santa Doroteia funcionava com sede em Roma e já tinha outras casas em Gênova, Bolonha e Veneza e que eram dirigidas por Paula Frassinetti, tanto através das visitas constantes que fazia, quanto através da correspondência mantida com suas religiosas e que tivemos acesso em nossas pesquisas (FRASSINETTI, 1987a; FRASSINETTI, 1987b).

Em seus tempos de estudante, Magdalena Antunes teve a oportunidade de contemplar a imagem de Paula Frassinetti na ocasião em que teve que se fazer presente no gabinete de Anna Luccenti, freira que então exercia a posição de madre superiora no Colégio de São José. Assim escreveu Magdalena Antunes em sua memorialística:

As paredes do gabinete eram forradas de papel dourado e decoradas de vistas da Itália. **No centro destacava-se uma formosa tela de Paula Frassinetti, fundadora da Ordem**, com uma inscrição: “O maior bem é fazer sempre a vontade de Deus”, ainda que seja contrária aos nossos desejos e exija de nós grandes sacrifícios” (ANTUNES, 2003, p. 238, grifos nossos).

O objetivo em voga que envolvia diretamente a congregação de Santa Doroteia era muito simples: o bispo pernambucano intencionava reformar a sua diocese utilizando como elemento difusor dos novos preceitos a referida congregação nas pessoas de suas freiras, que ao transferirem os ensinamentos para as alunas estariam difundindo entre as suas famílias todo um ideário de como ser um bom cristão nos moldes tridentino





ultramontanos (FARIAS, 2019). Seriam as alunas formadas no colégio católico as futuras mães que, ao constituírem família num futuro próximo, transmitiriam aos filhos e filhas os ensinamentos outrora aprendidos em seus tempos de escola (FARIAS, 2019).

Em 1866 chegam as primeiras freiras da congregação em Pernambuco após um mês de viagem entre terra e mar. Fazia parte do grupo missionário seis irmãs ao todo e liderando-as figurava a madre superiora Teresa Casavecchia, já idosa, e como vice-superiora Giuseppina Pingiani, que, segundo Azzi (2000), já detinha elevada experiência dentro da Congregação e que assumiu junto à instituição do Recife a disciplina de Francês<sup>3</sup>. Abaixo dessas, em termos de hierarquia, vieram Francesca Toscani e as jovens recém saídas do noviciado Virginia Jannozi, Gertrudes Mattei e Sofia Felipa (AZZI, 2000).

A vinda destas mulheres visando instalar a congregação religiosa no Brasil estava envolvida em muitos desafios, renúncias e sacrifícios, inclusive pessoais, tal como se investia toda obra missionária. Durante grande parte da viagem tiveram de enfrentar tempestades em alto mar e enfermidades (AZZI, 2000). No Brasil os desafios não cessaram e os maiores problemas a serem enfrentados por elas, logo que chegaram, giravam em torno da adaptação ao clima, à alimentação, aos hábitos, à língua e aos costumes da nova terra uma vez que tudo era bastante diferente daquilo que elas eram acostumadas na Europa.

Em carta lavrada pela irmã Paula Frassinetti e endereçada à irmã Giuseppina Pingiani, datada de 27 de abril de 1866, é possível ver alguns detalhes em relação a dificuldades:

Caríssima Irmã no Senhor. Já tinha imaginado que estivesse doente e, quando recebi as tão desejadas cartas anunciando a chegada em Pernambuco, confirmou-se o meu pressentimento, porque de si vi senão uma cartinha para a sua mãe; e queria manifestar-lhe este meu receio quando lhe escrevi a 12 de Abril, mas não o fiz, pensando que me teria escrito, e assim foi! É certo que terá sofrido muito, mas agora talvez se sinta melhor, e, com o estômago aliviado, a mudança de clima não a perturbe tanto. Alegra-me que sinta desejo ardente de trabalhar para a glória de Deus, mas lembre-se do que tantas vezes lhe disse o P. Gil, isto é, que no princípio faça pouco e tenha cuidado; depois, quando estiver

<sup>3</sup> Nas cartas da madre geral (FRASSINETTI, 1987a; FRASSINETTI, 1987b) que consultamos, encontramos o nome desta religiosa com duas grafias diferentes: Giuseppina e Josefina.





aclimatada, então poderá aguentar muito trabalho; entretanto, por agora, contente-se com aprender a língua do país (FRASSINETTI, 1987a, p. 417).

6

Vale pontuar que os problemas de saúde adquiridos pelas freiras também eram constantes devido ao clima totalmente destoante daquilo a que estavam acostumadas, o que se agravava devido o uso do hábito negro, típico da congregação, que também não era adequado às altas temperaturas tropicais. A exemplo disso podemos citar o caso da então madre superiora Teresa Casavecchia, que após adoecer gravemente de tuberculose precisou voltar às pressas para a Europa em busca de tratamento. Todavia, entre melhoras e pioras, o quadro de saúde da freira agravou-se consideravelmente, fazendo com que ela viesse a óbito (FRASSINETTI, 1987a).

A partir da leitura que fizemos de várias cartas escritas pela Reverenda Madre Paula Frassinetti, o que nos parece é que para essas mulheres era necessário de fato renunciar a si mesmas em função de uma causa maior que era a glória de Deus que se manifestaria através da total entrega ao propósito missionário em terras brasileiras (FARIAS, 2019). Tudo isso justificava, por exemplo, se submeterem a diferentes incômodos em um país diferente e se manterem distantes das suas pátrias e das suas famílias com as quais mantinham contato apenas através de cartas que demoravam meses entre idas e vindas através da demorada travessia do Oceano Atlântico (FARIAS, 2019).

### 3 A proposta educacional do Colégio de São José

O Colégio de São José ostentava uma proposta educacional que não se diferenciava da dos demais estabelecimentos de ensino de vinculação católica que foram fundados no Brasil ao longo dos oitocentos. Todas estas instituições estiveram imbuídas da mesma missão: colaborar com a implementação de uma nova forma de catolicismo mais ortodoxo e mais clerical se distanciando daquele modelo praticado no Brasil de então (NUNES, 2013). Com o fim da monarquia, essa missão se intensificou, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, exigindo mais fôlego dos agentes





envolvidos, haja vista que a religião católica rompia com o Estado os laços do regime de padroado, o que abriu as portas da nação para a fundação de escolas de cunho protestante e para a laicização do ensino público (FARIAS, 2019).

As irmãs doroteias se dedicavam com exclusividade à educação de meninas o que as faziam diferentes de outras congregações que aqui se instalaram e que exerciam o trabalho educativo associado ao trabalho em obras assistenciais como asilos, orfanatos e hospitais (AZZI, 2000). Vale salientar que as meninas que faziam parte do rol de alunas da instituição eram provenientes de famílias da aristocracia agrária e da classe média urbana, entre elas, devemos destacar a escritora potiguar Magdalena Antunes que em seus anos de meninice estudou no Colégio de São José entre os anos de 1891 a 1896 (FARIAS, 2019).

Segundo Magdalena Antunes:

O Colégio, dirigido pelas irmãs Doroteias, funcionava num majestoso prédio de dois andares, pintado de vermelho escuro, com muitas janelas de frente, tendo no interior, um pátio ajardinado. Ficava junto a uma igreja e a um quartel, cuja frente dava para a rua oposta, limitando-se pelos fundos com o nosso educandário (ANTUNES, 2003, p. 62).

Em relação aos pais dessas alunas o que devemos ter em mente é que eles, através das escolas católicas, buscavam ilustrar suas filhas em consonância com o mundo urbano e civilizado que florescia progressivamente e que via as freiras enquanto arautos capazes de trazer até suas filhas todo um repertório de saber que as ligariam a esse mundo valorizado e idealizado com sede na Europa. Abaixo, apresentamos a capa dos Estatutos do Colégio de São José referentes ao ano de 1928:



FIGURA 1 - Estatutos do Colégio de São José (capa)



FONTE: (FARIAS, 2019, p. 194).

Uma coisa importante a ser notada é que para se fazer parte da instituição como aluna as meninas e moças deveriam passar por uma seleção, ou seja, havia alguns critérios para a admissão das alunas os quais deveriam ser rigorosamente atendidos:

#### CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

O Colégio admite alunas internas, semi-internas de 5 aos 14 anos e externas. *Época de Matrículas.* A matrícula faz-se no mês de janeiro. As alunas antigas devem matricular-se até 15 de janeiro de cada ano. Após essa data, a Diretora



não lhes garante o lugar. *Exigem-se à entrada: a) – Certidão de batismo. b) Certidão de nascimento. c) Atestado de vacinação. d) – Se vier de outro colégio, atestado de boa conduta. Exige-se a maior pontualidade na entrada das alunas* (ESTATUDOS DO COLÉGIO DE SÃO JOSÉ, 1928, p. 3; grifos nossos).

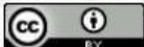
Em consulta ao livro de matrículas da instituição tivemos a oportunidade de observar, além de outros detalhes, a origem das alunas que se matriculavam no Colégio de São José<sup>4</sup>. As meninas eram admitidas na instituição entre os cinco e os quatorze anos, sendo elas originárias de diferentes partes do País, sobretudo do Norte e Nordeste. O que pode denotar a prosperidade econômica dessas regiões, sobretudo no que tange à produção de açúcar, de cacau e de tabaco no Nordeste e da extração da borracha no Norte naqueles idos.

Os internatos figuravam enquanto herdeiros das sociedades monásticas do período medieval e seguiam um formato eclesiástico de viver e de formar homens e mulheres. Este formato, aparentemente, agradava bastante às elites brasileiras que podiam custeá-lo tal como foi o caso do senhor José Antunes de Oliveira que manteve suas duas filhas, Magdalena Antunes e Etelvina Antunes internadas no Colégio de São José. Além destas podemos citar também o caso da escritora Auta de Souza (1876-1901) que também estudou sob o regime de internato no Colégio São Vicente de Paula em Recife entre os anos de 1888 e 1890 (FARIAS, 2013, 2018), (GOMES, 2013). Sobre os internatos, assim escreveu José Gimeno Sacristán:

O internato é a fórmula de institucionalização da vida dos menores e jovens em que o ensino é instituído como um sistema e uma fórmula de vida durante tempos prolongados e que acolhe o sujeito em sua totalidade, produzindo um grande impacto em todas as suas dimensões pessoais: corpo, sociabilidade, moralidade, sexualidade, aprendizagem de conteúdos de cultura... São espaços de vida, de vigilância, de controle e de educação separados da família e isolados das atividades sociais (SACRISTÁN, 2005, p. 134-135).

Em certa medida, os colégios católicos preenchiam as lacunas deixadas pelo projeto educacional oficial do império que, embora oficialmente pretendesse abarcar todo

<sup>4</sup> Provavelmente o registro da matrícula de Magdalena Antunes, bem como de sua irmã Etelvina Antunes que também foi matriculada na mesma instituição anos depois, se encontra nele, todavia, não conseguimos encontrar essas informações dado o desgaste do material que impossibilitou o nosso manuseio.





o território conforme disposto na lei imperial de 15 de outubro de 1827 (BRASIL, 1827), não conseguia na prática atender a demanda educacional do país. Outra coisa que fica claro é que, mesmo sendo a proposta do colégio carregada pelo espírito conservador dos projetos em voga na época, que legitimava o lugar da mulher no âmbito doméstico, de fato ele abriu a possibilidade para que meninas e moças, sobretudo de regiões interioranas como foi o caso de Magdalena Antunes, Auta de Souza e tantas outras tivessem acesso à educação formal (FARIAS, 2019).

É importante destacar que além das dificuldades do próprio sistema de ensino da época em abarcar toda a nação, havia empecilhos de ordem cultural que limitava as meninas de acessarem os estudos. Muitos pais não viam utilidade no processo de ampliação da cultura de suas filhas alguns, inclusive, achavam que era desperdício de dinheiro (FARIAS, 2019). Em sua memorialística Magdalena Antunes retratou o pensamento da época ao trazer para as páginas de seu Oiteiro (2003) a figura de Amaro que era primo de seu pai. Assim ela escreveu:

Meu pai acolhia-o mais por complacência que por amizade, pois não gostava de suas opiniões, nem da ironia que lhe fagulhava nos lábios a cada palavra. **Pensava que não se deveria instruir a mulher que, quanto mais ignorante mais feliz, ao passo que toda ciência para o homem seria pouca.** Achava que meu pai devia guardar para o futuro o dinheiro que iria gastar comigo no colégio; futuramente só o dinheiro valeria (ANTUNES, 2003, p. 167, grifos nossos).

Na contramão desse pensamento que via a educação feminina como um fardo para a família a escritora potiguar Nísia Floresta (1810-1895) escreveu uma vasta obra defendendo a necessidade das mulheres terem acesso à educação formal chegando, inclusive, a fundar uma escola para meninas no Rio de Janeiro em 1838, o Colégio Augusto (JOTA, MEDEIROS NETA, MEDEIROS, 2020). Conforme (JOTA, MEDEIROS NETA, MEDEIROS, 2020) o colégio fundado e dirigido por Nísia Floresta tinha uma proposta educacional inovadora para a época, sobretudo por oferecer às meninas os mesmos conteúdos que eram ensinados aos meninos na época. Assim:





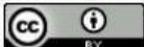
Para Nísia Floresta, a educação das mulheres devia ser equiparada a dos homens, pois em nada seus aspectos cognitivos se diferiam. Logo, não existia motivos para que a educação das mulheres fosse negligenciada. Tudo isso, ao que parece, era colocado em prática com suas alunas. Se esforçar para que estas aprendessem e estivessem no mesmo nível que os homens (JOTA, MEDEIROS NETA, MEDEIROS, 2020, p. 9-10).

Diferentemente da proposta curricular do Colégio Augusto, o Colégio de São José possuía um currículo todo voltado para as expectativas sociais de gênero para as mulheres naquele contexto. É importante frisar que a proposta educacional das escolas religiosas nos oitocentos não buscava aproximar as mulheres dos homens em termos de aprendizado para atuação no mundo do trabalho público, mas também não se tratava apenas de alfabetizar e dotar essas meninas de noções rudimentares de matemática e outras disciplinas, mas dotá-las de saberes que em si eram definidores de distinção social. Assim escreveu Riolando Azzi:

Tratava-se de preparar as moças para sua inserção progressiva na sociedade urbana, pautada pelos padrões burgueses de comportamento. Nesse novo contexto, a mulher adquiria um novo status social; devia distinguir-se pela fineza dos modos, pelas habilidades artísticas em termos de música e literatura, brilhando dessa forma nas reuniões e saraus familiares. No jogo da bolsa matrimonial da época, seu valor já não era medido tanto pelo aporte econômico que trazia pelo seu dote, ou pela predisposição para uma maternidade fecunda, como pela habilidade da moça de atuar dentro do novo contexto social, marcado cada vez mais pela influência europeia (AZZI, 2002, p. 22).

Era exatamente essas as expectativas que giravam em torno das meninas e moças quando elas regressavam aos seus lares, ou seja, elas deveriam refletir para os familiares e, sobretudo, para os amigos e demais relações de seus pais, os símbolos dessa vida urbana civilizada que tomava a Europa como modelo. Elas deveriam refletir o processo civilizador vivenciado pelas principais cidades europeias (ELIAS, 1994). Esperava-se delas que todo um conjunto de saberes houvesse sido incorporado nos colégios internos, uma vez que esse lustro adquirido garantiria sucesso no “mercado matrimonial” tal como salientou Riolando Azzi (2002).

A influência europeia, e, sobretudo francesa, se dava em diferentes aspectos do cotidiano das grandes cidades brasileiras. Cidades como o Rio de Janeiro e Recife





sofreram reformas estruturais em seus espaços urbanos, sobretudo em seus centros, no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, tomando como modelo as reformas implementadas em Paris pelo urbanista Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) conforme afirmou Raimundo Arrais (2004).

12 A influência das reformas urbanas parisienses se fazia visível no Brasil sobre o traçado das ruas que foram reformadas e alargadas, os chamados *boulevards*, na construção de praças, parques e jardins, bem como na efetivação de um sistema de transporte público tal como o bonde à tração animal e posteriormente elétrico (QUINTAS, 2008). Alguns bairros foram inteiramente demolidos, dando lugar a ruas arborizadas amparadas por um sistema de iluminação, adequando-se assim ao então ideal de modernidade importado de Paris. O historiador Raimundo Arrais discorreu sobre essa realidade em relação à cidade do Recife:

A imagem de *Veneza Americana* aderiu facilmente às representações sobre a cidade, isso porque, além de lisonjear o orgulho recifense, tinha a seu favor o fato de que exprimia o equilíbrio em que o primeiro aspecto destacado era a harmonia entre a natureza e a técnica, patente nos símbolos que representavam a cidade: as pontes projetadas sobre grandes extensões de água, o casario harmonioso enfileirado à margem do rio, na Rua da Aurora, recebendo naquela linha de casas e edificações públicas um excelente efeito plástico pela iluminação frontal dos raios matinais do sol sobre suas paredes erguidas na inspiração de um classicismo imperial que absorvera traços arquitetônicos da renascença italiana, convidando, assim, à analogia com a Veneza matriz, a Veneza europeia (ARRAIS, 2004, p. 185; grifo do autor).

A própria moda sofreu a influência parisiense de onde chegava, via navios a vapor, todo um sortimento de rouparia e acessórios. A vestimenta de mulheres e homens brasileiros foi amplamente modificada nesse contexto os quais passaram a incorporar o uso cotidiano de chapéus, cartolas, sombrinhas, tecidos, perfumes, sapatos, vestidos de seda, além de remédios, elixir, bebidas, artigos de papelaria e tesouraria em geral. No jornal Diário de Pernambuco dessa época, é imensa a lista de produtos sendo





anunciada, a qual poderia ser encontrada pelos clientes nas principais lojas do centro da cidade do Recife<sup>5</sup>.

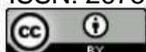
Magdalena Antunes narrou um episódio de sua vida em que deixou transparecer a influência da moda europeia em sua vestimenta e em seus hábitos de menina que se transformava em moça. Ao retornar a Ceará-Mirim para passar as férias junto aos pais após três anos de internato, Magdalena e seus irmãos foram recepcionados com festa no sobrado da família no centro da cidade, momento este para o qual ela se preparou: “Também comecei no trem a armar frases bonitas para dizer quando chegasse em casa, de onde saía uma garota de onze anos e voltara uma mocinha esbelta, sabendo ler e escrever” (ANTUNES, 2003, p. 184-185).

A escritora narrou que este foi um momento embalado por música tocada ao piano, instrumentos de corda e regado a comes e bebes, em que ela e seus irmãos se tornavam alvo dos olhares dos convidados de seus pais os quais ligavam-se à aristocracia canavieira da região de Ceará-Mirim. Assim Magdalena Antunes escreveu: “O sobrado vibrava de alegria. Todos os nossos conterrâneos tomavam parte no acontecimento de uma família que festejava a chegada dos quatro filhos vindos do colégio” (ANTUNES, 2003, p 192).

A menina Magdalena Antunes, apresentou-se aos convivas finamente vestida, ostentando vaidosamente sapatos de salto alto e um penteado que era a última moda em Recife, o chamado penteado bendegó, denominação que, segundo a própria Magdalena em sua memorialística, fazia referência ao meteorito caído na Bahia em fins do século XVIII. Sobre a repercussão do seu penteado na cidade ela escreveu: “E quando a notícia se espalhasse entre minhas amiguinhas, elas perguntariam que trunfa esquisita era aquela e onde eu arranjava aquele penteado!” (ANTUNES, 2003, p. 184).

O sociólogo Gilberto Freyre Em *Modos de homem e modas de mulher* (FREYRE, 2009) apontou a moda e os costumes brasileiros ligados ao vestuário como objetos de

<sup>5</sup> Na Fundação Joaquim Nabuco, tive acesso a alguns exemplares digitalizados do periódico *Diário de Pernambuco* onde, consultando as edições de 1, 14, 16, 17 e 18 de julho de 1891, pude perceber essa realidade de efervescência comercial vivenciada por Recife no final dos Oitocentos.





estudo de forma pioneira. A partir da consulta que fez a uma grande variedade de fontes, entre as quais periódicos, o autor mostrou que a roupa e os gestos estavam diretamente ligados a um determinado grupo e, a partir do que vestiam e de como se comportavam demonstravam uma visão de si mesmos, do mundo, se autorreconhecendo e produzindo distinções perante os demais.

14

Em relação a essa realidade as escolas católicas confessionais tinham bastante força pois colaboravam, em grande medida, na formação de distinções sociais sobretudo entre as mulheres. Tal como vimos anteriormente, a educação proposta pelo Colégio de São José articulava dois pontos importantes e valorizados pelo grupo que ela contemplava naquele momento: a formação católica, dentro da ótica ultramontana e tridentina, e uma formação cultural que investia a mulher de ornamentos, entre os quais a habilidade ao piano, para que estivesse em consonância com o país que se modernizava.

Em *Vida social no Brasil em meados do século XIX* (2008), Gilberto Freyre, retratou a incidência dos internatos dirigidos por freiras europeias nas principais cidades do Brasil. Segundo ele, esta moda se prolongou por todo o século XIX entre as moças de famílias abastadas:

Aos oito ou nove anos, era a menina de família patriarcal mais opulenta enviada para um internato religioso, onde ficava até aos treze ou quatorze anos. Aí, sua educação, começada em casa, continuava. Aprendia a delicada arte de ser mulher. Música, dança, bordado, orações, francês e às vezes inglês, leve lastro de literatura eram os elementos da educação de uma menina num internato escolar. Voltava muito romântica, algumas vezes criaturinha encantadora, lendo Sue, Dumas e George Sand, além de saborear folhetins, por vezes melífluos, quase sempre delicadamente eróticos, publicados então pelos principais jornais do Império para o seu público feminino. Sabia rezar. Sabia dançar. As danças da época eram a quadrilha, os lanceiros e a polca. Dançá-los bem, ser leve como uma pluma e tênue como uma fita de seda era o máximo ideal de uma moça (FREYRE, 2008, p. 95).

Nesse sentido, muito mais do que o dinheiro que seria investido na educação das meninas e moças, o que estava em jogo era a produção de um *habitus* cujo conceito, para Pierre Bourdieu (2014) se trata das principais características que dão sentido à existência de um grupo demarcando-o e distinguindo-o dos demais grupos da





sociedade. Ou seja, o Colégio de São José, a exemplo dos demais educandários de doutrinação católica voltados para a formação feminina nos oitocentos, intencionava produzir mulheres de elite católicas devotas, detentoras de habilidades, talentos e preparadas para o matrimônio.

Todo esse repertório de saber deveria ser facilmente identificado nos corpos das filhas de homens e mulheres das classes sociais que tinham pecúlio suficiente para manter suas filhas enquanto alunas destas instituições. Visando chegar a um nível elevado de refinamento por parte das mulheres, dispendia-se um grande esforço no âmbito do internato; os corpos e também a mente das alunas eram disciplinados pela rigorosa metodologia de ensino adotada pelas escolas católicas que foram sendo fundadas no Brasil a partir de meados do século XIX, entre as quais o Colégio de São José em Recife, onde Magdalena Antunes estudou.

## 4 Considerações finais

Ao percorrer os caminhos trilhados por Magdalena Antunes seguindo as pegadas deixadas por ela foi possível, entre tantos outros aspectos da cultura e da sociedade oitocentista brasileira, conhecer um pouco sobre a história da educação feminina católica daqueles idos. A partir do acesso que tivemos ao seu livro de memórias e do contato com fontes produzidas pelo Colégio de São José em Recife foi possível trazer enquanto objetivo central nesse artigo algumas linhas sobre a história dessa instituição de ensino.

Apesar de termos tido acesso a um rico acervo no educandário em Recife que nos permitiu conhecer a história do Colégio de São José, foi o livro **Oiteiro** (2003) de Magdalena Antunes que nos possibilitou a visualização de detalhes do cotidiano escolar, detalhes do regimento, informações sobre as disciplinas oferecidas no currículo, as madres responsáveis por cada disciplina, os espaços, os livros lidos pelas alunas, os horários, como se davam as relações entre as freiras e as alunas bem como os rituais e





eventos da instituição que são finamente discutidos por Magdalena Antunes em sua autobiografia. Todavia, tudo isso é repertório para um próximo trabalho.

O livro **Oiteiro** (2003) em diálogo com as demais fontes mencionadas ao longo deste artigo nos permitiu produzir um cenário que nos serviu de pano de fundo para que pudéssemos conhecer mais sobre a atuação de mulheres freiras em prol da difusão no Brasil daquilo que se entendia como civilidade e da formação de um habitus diferenciado entre as meninas e jovens brasileiras de então. Ou seja, a educação proposta pela referida congregação religiosa almejava ir além daquilo que se pensava como educação para o país pelo poder público.

Como dito anteriormente, o Colégio de São José esteve atrelado a um projeto de educação levado a cabo pela Igreja Católica em nosso país nos idos do século XIX. A instituição articulava um programa de estudos que unia um conjunto de práticas devocionais ligado ao catolicismo ultramontano tridentino em associação com um amplo repertório de saberes que deveriam fazer as meninas e moças brilhar nos salões e na sociedade. Devotas e refinadas, elas eram preparadas para o convívio social num país que se modernizava tendo a Europa, e sobretudo a França, como referencial.

Embora a instituição reafirmasse os ideais de uma educação que ditava às mulheres que o seu lugar orbitava em torno do mundo da domesticidade. O Colégio de São José, a exemplo de outras escolas religiosas, permitiu que meninas e moças brasileiras, sobretudo as do interior, tivessem acesso ao mundo do conhecimento em detrimento de outras que, infelizmente, foram limitadas pela cultura de seus pais que não viam a educação de suas filhas como prioridade ou pela situação da educação pública do império que não conseguia chegar à toda população de forma eficiente.

## Referências

ANTUNES, Magdalena. **Oiteiro**: memórias de uma sinhá moça. Natal: A. S. Editores, 2003.





ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

AZZI, Riolando. **Educando pela via do coração e do amor (1866-1889)**. Rio de Janeiro: Congregação das Irmãs de Santa Doroteia no Brasil, 2000. (Volume 1)

AZZI, Riolando. **Educando pela via do coração e do amor (1889-1948)**. Rio de Janeiro: Congregação das Irmãs de Santa Doroteia no Brasil, 2002. (Volume 2)

BRASIL. Lei de 15 de outubro de 1827. **Revista Em Questão**, Natal, v. 36, n. 22, p. 240-242, set./dez. 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

COLÉGIO DE SÃO JOSÉ. **Estatutos**. Recife: [s. n.], 1928.

COLÉGIO DE SÃO JOSÉ. **Livro de matrículas do Colégio de São José (1866-1919)**. Recife: [s. n.], [191?].

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 14 jun. 1893.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 1 jul. 1891.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 14 jul. 1891.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 16 jul. 1891.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 17 jul. 1891.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 18 jul. 1891.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. (Volume 1)

FARIAS, Genilson de Azevedo. **Com açúcar, com afeto**: representações femininas na escrita memorialística autobiográfica de Magdalena Antunes (1880-1959). Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

FARIAS, Genilson de Azevedo. **Auta de Souza, a poeta de “pele clara, um moreno doce”**: memória e cultura da intelectualidade afrodescendente no Rio Grande do Norte. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do





Norte, Natal, 2013.

FARIAS, Genilson de Azevedo. **Auta negra**: uma voz feminina no Rio Grande do Norte oitocentista. Natal: Caravela Selo Cultural, 2018. (Série Humanidades I, Coleção Natal 420 anos).

FRASSINETTI, Paula. **Cartas**. [s. l.]: Edição da Província Portuguesa Sul, 1987a. (Volume 1)

FRASSINETTI, Paula. **Cartas**. [s. l.]: Edição da Província Portuguesa Sul, 1987b. (Volume 2)

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem & modas de mulher**. São Paulo: Global, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. São Paulo: Global, 2008.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. **Auta de Souza**: a noiva do verso. Natal: EDUFRN, 2013.

JOTA, Alcydet Andreza Pereira; MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de; MEDEIROS, Aliny Dayany Pereira de. Nísia Floresta e a educação feminina no Brasil (Século XIX). Fortaleza: **Ensino em Perspectivas**, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2020.

QUINTAS, Fátima. **O Recife**: passeio à antiga. Recife: Bagaço. 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

<sup>i</sup> Genilson de Azevedo Farias, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6899-6498>

Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEEd da UFRN

É Pós-doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEEd da UFRN. Doutor e Mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS da UFRN, Bacharel e Licenciado em História pela mesma Universidade. Sociólogo pela Uninter e professor da SEEC-RN.

Contribuição de autoria: Autor do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7285349164640652>

E-mail: [genilson.farias1@gmail.com](mailto:genilson.farias1@gmail.com)





ii **Olívia Morais de Medeiros Neta**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4217-2914>

Centro de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEEd da UFRN - PPGEEd do IFRN

É Doutora em Educação com Mestrado e Graduação em História pela UFRN. É professora do Centro de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGEEd da UFRN bem como no PPGEEd do IFRN. É sócia da ANPUH, da SBHE e da ANPEd. Editora da Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica e History of Education in Latin America – HistELA.

Contribuição de autoria: Supervisora de estágio pós-doutoral e orientadora do artigo.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7542482401254815>

E-mail: [olivianeta@gmail.com](mailto:olivianeta@gmail.com) [olivia.neta@ufrn.br](mailto:olivia.neta@ufrn.br)

**Editora responsável:** Cristine Brandenburg

**Especialista *ad hoc*:** Luciana de Moura Ferreira

## Como citar este artigo (ABNT):

FARIAS, Genilson de Azevedo; MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. O Colégio de São José: a educação feminina católica no nordeste oitocentista. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 4, e47235, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v4.7235>

Recebido em 19 de novembro de 2021.

Aceito em 29 de abril de 2022.

Publicado em 01 de maio de 2022.

